



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Julia Tavares Lindner

***Karibu Kenya
A trajetória de três voluntários brasileiros em Nairóbi***

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pela prof^a *Gislene Silva*
no segundo semestre de 2014
Orientador: Prof. Jorge Kanahide Ijuim**

**Florianópolis
Dezembro de 2014**

| | | |
|---------------------------|---|---|
| FICHA DO TCC | Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC | |
| ANO | 2014 | |
| ALUNO | Julia Tavares Lindner | |
| TÍTULO | Karibu, Quênia – A trajetória de três voluntários brasileiros em Nairóbi | |
| ORIENTADOR | Jorge Kanahide Ijuim | |
| MÍDIA | <input checked="" type="checkbox"/> | Impresso |
| | <input type="checkbox"/> | Rádio |
| | <input type="checkbox"/> | TV/Vídeo |
| | <input type="checkbox"/> | Foto |
| | <input type="checkbox"/> | Web site |
| | <input type="checkbox"/> | Multimídia |
| CATEGORIA | Pesquisa Científica | |
| | Produto Comunicacional | |
| | Produto Institucional (assessoria de imprensa) | |
| | <input type="checkbox"/> | Produto Jornalístico (inteiro) |
| | <input checked="" type="checkbox"/> | Reportagem livro-reportagem () livro de perfil () |
| Local da apuração: | | |
| | () Florianópolis | () Brasil |
| | () Santa Catarina | (X) Internacional |
| | () Região Sul | |
| ÁREAS | Jornalismo; Reportagem; Perfil; Voluntariado; Nairóbi-Quênia | |
| RESUMO | <p>Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca problematizar a atuação de brasileiros voluntários em Nairóbi, capital do Quênia, através de uma série de reportagens de perfil. O pano de fundo para essas histórias são questões étnicas e políticas, pouco abordadas pela grande mídia brasileira e desconhecidas pela maioria da população. Depois do longo período colonialista, das décadas de monopartidarismo e da democratização marcada pela violência no processo eleitoral, o Quênia passa atualmente por um período de desafios, especialmente para o movimento de direitos humanos. A região, marcada pelo contraste entre a desigualdade social extrema e incontáveis riquezas naturais e culturais, também se recupera dos recentes ataques terroristas promovidos pelo grupo islâmico Al Shabab. Neste contexto, são apresentados três personagens, que revelam, através de suas experiências, um novo olhar a respeito de algumas das principais favelas do continente africano.</p> | |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 AGRADECIMENTOS | 4 |
| 2 RESUMO | 5 |
| 3 CONTEXTUALIZAÇÃO | 6 |
| 4 ESCOLHA E PERTINÊNCIA DO TEMA | 10 |
| 5 PROCESSO DE PRODUÇÃO | 12 |
| 5.1 PREPARAÇÃO | 12 |
| 5.2 APURAÇÃO/FONTES | 13 |
| 5.3 REDAÇÃO | 16 |
| 5.4 DIAGRAMAÇÃO/EDIÇÃO | 17 |
| 6 ORÇAMENTO..... | 18 |
| 7 DESAFIOS E APRENDIZADOS..... | 18 |
| 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 20 |
| 9 SITES CONSULTADOS..... | 21 |

1 AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, acompanharam e se envolveram com a realização deste trabalho. Seja com palavras de incentivo ou literalmente me guiando durante minhas caminhadas pelas ruas de Nairóbi.

Aqueles que me receberam em suas casas, contaram suas histórias e cederam algumas horas dos seus dias para a realização deste trabalho, vocês foram fundamentais.

Ao meu avô, que com toda a sua dedicação e entusiasmo, fez com que eu me encantasse pela África. Por ter me mostrado o mundo e, depois, me deixado ir além.

Agradeço a minha família, minha mãe, minha avó e meu pai, que suportaram os dias de preocupação e, acima de tudo, me apoiaram nessa jornada transformadora.

Ao meu orientador, Jorge Ijuim, pelo seu apoio e paciência, mas, principalmente, por ter acreditado em mim e me acompanhado durante o desenvolvimento deste projeto.

E, finalmente, aos meus alunos da Mumo Education & Orphanage Centre, por terem me inspirado e ensinado mais do que jamais conseguirei compartilhar.

2 RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca problematizar a atuação de brasileiros voluntários em Nairóbi, capital do Quênia, através de uma série de reportagens de perfil. O pano de fundo para essas histórias são questões étnicas e políticas, pouco abordadas pela grande mídia brasileira e desconhecidas pela maioria da população. Depois do longo período colonialista, das décadas de monopartidarismo e da democratização marcada pela violência no processo eleitoral, o Quênia passa atualmente por um período de desafios, especialmente para o movimento de direitos humanos. A região, marcada pelo contraste entre a desigualdade social extrema e incontáveis riquezas naturais e culturais, também se recupera dos recentes ataques terroristas promovidos pelo grupo islâmico Al Shabab. Neste contexto, são apresentados três personagens, que revelam, através de suas experiências, um novo olhar a respeito de algumas das principais favelas do continente africano.

Palavras-chave: Jornalismo; Reportagem; Perfil; Voluntariado; Nairóbi-Quênia.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

Reduzir a pobreza é um dos maiores desafios da África subsaariana. A região, que fica ao Sul do Deserto do Saara, possui 33 países em seu território, grande parte deles entre os mais miseráveis do mundo. As altas taxas de crescimento urbano, que se intensificaram na última década, criaram uma nova face para a pobreza, que passou a se concentrar em assentamentos informais, comumente referidos como favelas, nas principais cidades da região. De acordo com um relatório divulgado pela ONU em julho de 2014, feito anualmente para acompanhar os avanços da Declaração do Milênio¹, a área está longe de progredir de forma positiva na maioria dos oito compromissos firmados para 2015.

A redução pela metade do número de pessoas que vivem na extrema pobreza está entre as metas da Declaração. No caso da África subsaariana, o relatório destacou que houve um movimento contrário, com aumento regular no número de pessoas vivendo com menos de 1,25 dólares por dia, que passou de 290 milhões, em 1990, para 414 milhões, em 2010. Enquanto a proporção de pessoas que sofrem de fome caiu 8%, o número de crianças desnutridas aumentou de uma estimativa de 27 milhões para 32 milhões. Entre 2000 e 2012, a taxa de escolarização do ensino primário aumentou de 60% para 78%. No entanto, os conflitos armados e situações de emergência mantiveram 33 milhões fora da escola.

Com habitação em condições precárias, assim como serviços sociais, comodidades básicas, saúde, segurança e meios de subsistência, o Quênia tipifica a crescente crise urbana da África, com estimativas de que mais da metade de sua população urbana não apresentou mudanças significativas em suas vidas de 1990 a 2009. Dados divulgados pela ONU Habitat, em 2011, indicam que mais de 60% dos moradores de Nairóbi, capital do país, vivem em favelas. Centro econômico nacional, a cidade viu a sua população crescer de 120 mil, em 1948, para mais de três milhões, em 2009. Segundo dados da Divisão de Estatística da Organização das Nações Unidas (ONU), do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, divulgados em 2014, a população do país atualmente é de 45 milhões de pessoas. Dessas, estima-se que três milhões e meio moram na capital.

O Quênia é uma construção política decorrente da colonização britânica, iniciada no final do século XIX e terminada sete décadas depois. Os ingleses foram responsáveis

¹ A Declaração do Milênio é um documento elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU), que surgiu após o encontro de líderes de 191 países, em setembro de 2000, com o objetivo de discutir ações para promover a melhoria no padrão de vida da população mundial. No encontro, foi definido um conjunto de oito objetivos a serem alcançados até 2015, ficando conhecidas como Metas de Desenvolvimento do Milênio.

pelas atuais fronteiras do país, que acabaram separando etnias aliadas e unindo rivais. Assim, a população, com mais de 40 tribos, se enfraqueceu entre disputas internas, enquanto os colonizadores tiveram maior facilidade para explorar as riquezas naturais do território. Em 1950, começaram a surgir movimentos pela independência, sendo o principal da tribo Gikuyu, denominado Mau Mau. Os líderes da revolta exigiam o fim das leis britânicas, a expulsão de colonos brancos e a redistribuição de terras entre africanos. Após anos de conflitos, a independência foi declarada em 1963.

O líder nacionalista Jomo Kenyatta foi o primeiro presidente do Quênia independente. Foi substituído em 1978, após sua morte, por Daniel arap Moi, que permaneceu no poder por 24 anos – em 1992 e 1997 ocorreram eleições diretas, porém com suspeitas de irregularidade, violência étnica e forte segregação da oposição. A repressão e corrupção durante o Estado de partido único, considerado por alguns historiadores como um regime ditatorial não declarado, além da quase ausência de melhorias sociais, acentuaram a insatisfação de muitos quenianos. Em 2002, Mwai Kibaki, venceu as eleições com a promessa de uma nova era democrática, contudo o seu governo foi marcado por disputas internas e escândalos de improbidade administrativa.

A segunda eleição do Quênia como nação democrática foi marcada pela continuidade de um estado de crise que se prolongara desde a saída de Moi. O pleito ocorreu em dezembro de 2007, amplamente condenado como fraudulento pela oposição. Raila Kibaki, mesmo rejeitado, declarou vitória, o que resultou em um desastre humanitário. A violência foi erroneamente caracterizada pelos meios de comunicação ocidentais como "tribal" ou "étnica", quando na verdade foi em grande parte politicamente instigada. Mais de 1.200 pessoas morreram e cerca de 600 mil foram desalojadas de suas casas. A calma só foi restaurada depois de mediação internacional, em 2008.

A crise foi tanto constitucional quanto política, mas, também, foi fundamentalmente uma crise de nacionalidade, identidade, história, memória e patrimônio, esta que levará muito tempo para ser resolvida (...). Dia e noite, os quenianos clamam por uma história de unificação, a fim de salvaguardar uma nacionalidade apenas nocional. Eu uso "nocional" porque os historiadores e cientistas políticos afirmam que o Quênia como nação colonial nunca existiu. Não pode ser induzida, de repente, só porque as partes externas (mediadores e potências ocidentais) mal querem a solução dos problemas pós-eleitorais. (HARRISON, Rodney. In: BONFANTE, Paula; BUSTAMANTE, Nathalia, 2013, p. 6)

O atual presidente do Quênia, eleito em 2013, é Uhuru Kenyatta, filho de Jomo Kenyatta, o “pai da independência”. Entre os desafios do Estado atualmente está o crescimento desordenado, especialmente na capital do país, onde estão concentradas as duas maiores favelas da região – Kibera, com mais de dois milhões de habitantes, e Mathare, com aproximadamente 600 mil. De acordo com uma pesquisa, publicada em 2011 pela Academia de Medicina de Nova York, a maioria dos moradores dessas comunidades não são nascidos em Nairóbi e vêm de áreas rurais em busca de oportunidades de subsistência.

O estudo indica que a insegurança alimentar é generalizada entre os moradores das favelas, ao menos 50% das famílias possuem adultos e crianças passando fome. As famílias que são mais propensas a entrar nessa estatística são aquelas com baixo rendimento, chefiadas por mulheres e/ou que são dirigidas por alguém sem formação básica. O documento revela ainda que, as crianças nascidas nas favelas possuem taxas de mortalidade maiores do que as que moram nas demais regiões do país ou mesmo na zona rural. Os autores examinaram o estado nutricional e a segurança alimentar para averiguar a situação atual, bem como os possíveis efeitos em longo prazo da orfandade, muito frequente na região. O resultado é que os órfãos são mais vulneráveis, principalmente os paternos.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Programa para Desenvolvimento da ONU (UNDP), cerca de 80% dos quenianos possui menos de 35 anos. Os jovens, com idade entre 15 e 34 anos, representam mais de um terço da população. Porém, a maioria deles continua experimentando baixos níveis de rendimento escolar – 62% têm nível primário, 34% ensino secundário e 1% formação universitária. A transição da infância para a adolescência é dominada por dificuldades, que se refletem no mercado de trabalho. Enquanto a taxa de desemprego entre jovens é de 67%, para os que possuem nível superior é de 8%. Segundo uma análise elaborada pelo Kenya National Bureau of Statistics (KNBS), entre 2003 e 2009, houve um crescimento de 25% na economia, o que coloca a nação do Leste Africano como a nona mais rica do continente.

O avanço para um Estado de renda média foi impulsionado principalmente pela agricultura, fabricação e setor imobiliário. O rápido crescimento econômico beneficiou apenas uma minoria da população e não foi acompanhado pela oferta de oportunidades de trabalho, 743 mil novos empregos foram criados em 2013 contra quase dois milhões de candidatos às vagas. Além disso, não há compatibilidade entre a formação educacional e as exigências do mercado, considerando que grande parte dessas pessoas não possui as habilidades necessárias. Além dos níveis de desemprego, a pobreza também continua em

alta. É improvável que o país cumpra a meta estabelecida pela ONU de reduzir pela metade a miséria até 2015. Dados mais recentes da organização sugerem que 45% da população vivem com menos de US\$ 1,25 por dia e mais de 65% com menos de dois dólares.

Considerando essa realidade, Nairóbi é vista como uma das "capitais" das organizações não governamentais locais e internacionais. A cidade abriga diversos centros que operam dentro de agendas humanitárias, como urbanização de favelas, serviços comunitários, educação, capacitação e emancipação, preservação ambiental ou atividades de refugiados. Um estudo realizado pelo ETHZ Studio Basel, em parceria com a Universidade de Harvard e a Universidade de Nairóbi, publicado em 2007, indica que existem pelo menos 850 organizações baseadas na cidade. Uma das mais impactantes é a presença da ONU, que inaugurou uma de suas sedes no bairro Gigiri, em 1964, e tem se expandido desde então.

A forte presença de uma "comunidade humanitária" poderia ser justificada apenas pelas necessidades da população local. Entretanto, além desta condição, Nairóbi se tornou um centro estratégico porque possui relativa estabilidade e é cercada por países afetados por guerras, conflitos internos e necessidades urgentes, como Somália, Sudão e Uganda, facilitando o acesso de ONGs. A proximidade com esses locais também gera milhares de pedidos de asilo e imigrações ilegais anualmente. A relação do governo queniano com os refugiados de um modo geral mudou após a insurgência do grupo Al Shabab na Somália, que provocou um aumento na entrada de inúmeros cidadãos do país.

Desde 2011, tropas militares quenianas entraram na Somália para conter a ameaça do movimento islâmico, acusado de sequestro e assassinato de turistas e trabalhadores. A intervenção resultou em diversos ataques de represália no Quênia, que se intensificaram entre 2013 e 2014. Os atentados, que ocorreram principalmente contra centros comerciais e transportes coletivos, fizeram com que os expatriados fossem vistos pelo governo como ameaças à segurança nacional. Um dos principais ocorreu no luxuoso shopping de Westgate, em setembro de 2013, no qual aproximadamente 70 pessoas morreram. Em março de 2014, foi emitido um comunicado que forçava 50 mil pessoas a voltarem para os campos de refugiados, conhecidos pela superlotação, o que gerou mais revolta. É no território queniano que está localizado o maior centro do mundo, chamado Dabaab, que possui cerca de 300 mil pessoas num espaço destinado a 170 mil.

É dentro deste contexto que se insere a proposta de uma série de reportagens de perfil sobre a atuação de três voluntários brasileiros em Nairóbi: Julia Nogara, Vitor Gomes

e Renatha Flores. O objetivo é revelar, através de suas experiências, como funciona a rotina em algumas das principais favelas da África.

4 ESCOLHA E PERTINÊNCIA DO TEMA

Uma massa indistinta de povos, marcada pela miséria, e considerada, pejorativamente, como desprovida de valores contemporâneos. Sob uma perspectiva ocidental, discursos e sentidos vêm sendo construídos a respeito da África ao longo dos anos. A permanência de estereótipos marca a narrativa de conflitos, crises e tragédias, mas pouco se sabe sobre o contexto histórico, político e cultural que existe por trás de tais acontecimentos. Há pouco espaço na imprensa brasileira para análises mais profundas sobre as transformações e os desafios que marcam o período pós-colonial africano.

Embotado com os estereótipos que se eternizam, o olhar de nossa mídia para o continente não favorece um discernimento maior sobre aqueles países por parte de leitores, telespectadores, ouvintes e usuários. É como se, insensível à história, sempre dinâmica, a mídia conservasse olhos de pedra para assuntos africanos. (BONFATTI, Paula; BUSTAMANTE, Nathalia, 2013, página 2)

O presente trabalho foi motivado pela realização de um projeto social que teve como destino a capital queniana. Durante um período de cinco semanas (de 4 de agosto a 9 de setembro de 2014), atuei como voluntária na organização Mumo Education & Orphanage Centre, localizada na favela de Mathare. Constatei, através de pesquisas, a necessidade de oferecer um novo olhar sobre o país e seu povo, fazendo conexões com o Brasil que garantissem maior proximidade e, conseqüentemente, interesse de leitura. Pensando nisso, surgiu a ideia de acompanhar a atuação de voluntários brasileiros, a fim de identificar os impactos de suas ações para a comunidade local, bem como as principais questões relacionadas a cada iniciativa. Como autora, foi de extrema importância vivenciar a rotina dos personagens envolvidos para produzir uma análise mais crítica sobre o tema.

Além do relevante período de transição vivido pelo Quênia, especialmente para os movimentos de direitos humanos, a reportagem se justifica pelos vínculos históricos, sociais e geopolíticos entre o Brasil e a África, que, nos últimos anos, desenvolveram também ligações econômicas. Ambos compartilham uma história colonial, os efeitos perversos do tráfico de escravos sobre a economia, a pobreza rural severa, as metrópoles sobrecarregadas cujo crescimento não se norteia por planejamento adequado ou supervisão, condições

climáticas semelhantes e dependência de recursos naturais, e desafios em áreas como infraestrutura, registro de terras, justiça e distribuição de riqueza.

Acredito que a responsabilidade social é de extrema importância para o jornalismo. As histórias dos três voluntários, Julia, Vitor e Renatha, também indicam uma tendência mundial de ação humanitária globalizada, que ocorre normalmente através de programas de intercâmbio de curta duração com estudantes do mundo todo. As experiências trazem à tona problemas internacionais graves, mas também soluções criativas encontradas por pessoas que buscam impactar comunidades carentes de forma positiva, transformando assim a realidade de uma parcela da população. A jornada dos voluntários brasileiros em Nairóbi, além de revelar um pouco da essência dos quenianos, também serve de inspiração para novas ideias, dentro de uma proposta economicamente sustentável.

Em um período onde a maioria das redações de jornais e revistas está em crise, torna-se cada vez mais difícil escrever uma grande reportagem – que exige maior tempo de pesquisa, apuração e trabalho em campo – mas não menos relevante. De acordo com Ricardo Kotscho (2000), o gênero midiático rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, romantismo, entrega e amor pelo ofício. Em “A Arte da Reportagem – Volume I” (FUSER, Igor (Org.), 1996), Eugênio Bucci, define:

A arte da reportagem é trazer à luz a informação que é notícia – aquela cujas repercussões tendem a alterar a expectativa dos fatos futuros. Vivemos um momento em que a imprensa proporciona uma gigantesca oferta de dados, mas carece de informações; anda atulhada de opiniões, mas raquítica em visão de mundo; lista fatos e mais fatos, mas quase não tem reportagem. A reportagem só é arte (e bom jornalismo) quando foge da indiferença e traz, em sua narrativa, a pretensão de compreender o que se passa. (BUCCI apud FUSER (Org.), 1996, página 11)

O gênero jornalístico escolhido exige, por definição, um maior aprofundamento do tema, além da visão plural dos fatos e de uma narrativa envolvente, a fim de fazer o acontecimento ser compreendido de forma humanizada e abrangente. Um pensamento pertinente se apresenta na tese de doutorado de Alex Criado:

A grande-reportagem é o espaço privilegiado para a incorporação dos diversos modos de falar. Se a grande-reportagem tem a ambição de aprofundar um tema, lançar uma luz sobre um fenômeno, desvendar uma realidade, ela é o gênero jornalístico por excelência para que aflorem as maneiras de falar de setores excluídos econômica e culturalmente. (CRIADO, Alex, 2006, página 16).

Por fim, a escolha da reportagem de perfil foi determinada pela possibilidade de realizar um trabalho mais minucioso sobre o tema, com a busca por uma narrativa envolvente, criativa e menos formal. Para além do caráter factual e imediato, os perfis contam passagens relevantes da vida e carreira do entrevistado, o que desperta curiosidade. Segundo Vilas Boas (2003), os perfis são mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós.

“Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem.” (VILAS BOAS, 2003, p.13)

As histórias, publicadas em formato de série de reportagens, foram escolhidas por possuírem uma ligação entre si, com elementos de continuidade e iniciativas independentes que se destacam entre a maioria dos casos pesquisados – relacionados a questões de extrema importância, como educação, alimentação, energia e a situação de refugiados de guerra.

5 PROCESSO DE PRODUÇÃO

5.1 PREPARAÇÃO

A possibilidade de viajar para Nairóbi surgiu em maio de 2014, enquanto eu produzia a primeira etapa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a disciplina Técnica de Projetos, ministrada pela professora Gislene Silva. Finalizada a primeira versão do projeto, decidi aproveitar o período das férias de julho para antecipar a viagem e recomeçar a pesquisa sobre outra temática. Através da organização AIESEC, cadastrei-me num programa de intercâmbio social com duração de seis semanas. Concluí que o risco valeria à pena pelas possibilidades de aprendizado, tanto na esfera pessoal como profissional. Desde o início das pesquisas notei a falta de informações publicadas sobre a região em português, o que acreditei representar uma lacuna no jornalismo brasileiro.

O interesse de ir para o Quênia surgiu quando tive conhecimento de projetos sociais bem sucedidos realizados por catarinenses na região. Entrei em contato com os responsáveis e com outros intercambistas brasileiros pelo *Facebook*, que também se tornaram fontes importantes para o meu trabalho. Eles também me forneceram dicas e contatos essenciais para o desenvolvimento da apuração de campo. Por fim, conversei com alguns moradores do

Quênia pela internet para pedir mais informações sobre a situação do país, considerando os recentes ataques terroristas que ocorriam nas principais cidades da região.

Considerando ainda que o país encontrava-se em estado de alerta devido ao risco de contaminação pelo vírus ebola, doença em surto epidêmico na África Ocidental desde 2013, o cenário era desafiador. Eu não acreditava que haveria, naquele momento e ao meu alcance, uma experiência mais completa para finalizar e colocar em prática os ensinamentos aprendidos durante a universidade. Como a viagem foi decidida com apenas um mês de antecedência, tive pouco tempo para uma preparação adequada. Além das leituras básicas, pelo fato de eu ter que me comunicar e realizar as entrevistas em outra língua – os idiomas oficiais do Quênia são o inglês e o suaíli – estudava em casa por conta própria. Além disso, também tomei a vacina de febre amarela, indispensável para entrada no país.

5.2 APURAÇÃO /FONTES

Apesar de tentar seguir o planejamento feito no Brasil, muitas vezes foi necessário improvisar e, de forma intuitiva, fazer correções de percurso. Eu trabalhava na escola no início do dia, das 9h às 13h, e aproveitava o restante do tempo para conhecer as principais comunidades da capital, visitar outras organizações e realizar entrevistas. Demorei cerca de uma semana e meia até me ambientar às rotas e conseguir andar sozinha para apurar com mais liberdade e segurança, antes disso contava com a ajuda de outros intercambistas. Como não é recomendado andar na rua depois das 19h, devido à falta de iluminação, eu encerrava as atividades por volta das 17h e retornava para a moradia estudantil. Aproveitava o período da noite para ler, pesquisar e transcrever para o computador as entrevistas feitas através do gravador do telefone celular ou registradas num bloco de notas.

Para trabalhar e realizar a apuração, eu usava ônibus ou *matatu*, uma espécie de van que funciona como principal meio de transporte coletivo da cidade. Como o trânsito na cidade é muito intenso e eu trabalhava na favela de Mathare, costumava visitar as ONGs da região com mais frequência. Inclusive aproveitei, em certas ocasiões, para visitar duas delegacias e dois hospitais – um alemão, chamado Baraka Hospital, e outro francês, sede do Medicine Sin Frontières – a fim de coletar mais dados técnicos. Quando eu precisava ir a lugares mais distantes, como no caso da marca social Kabiria, da Renatha Flores, tinha que me programar com bastante antecedência. Na ocasião, devido ao congestionamento intenso, acabei pegando um táxi pela única vez no centro da cidade, algo não muito recomendado.

Outras vezes, como para visitar uma ONG em Kibera, pedia para chegar mais tarde no trabalho. Longos atrasos ou mesmo imprevistos e cancelamentos eram comuns, e

algumas entrevistas tiveram que ser remarcadas três vezes. Na maioria delas eu só ficava sabendo depois de chegar ao local marcado. Com o tempo, passei a ser conhecida nas instituições e esse diálogo ficou mais fácil. No final da viagem consegui o auxílio de dois diretores, de Ngotas Upendo e da Mama África, para visitar as casas das famílias de alguns dos alunos das escolas, para conhecer o ambiente em que viviam e saber das suas histórias. Como não recebi esse auxílio do diretor da escola em que eu trabalhava, pedi para as crianças me guiarem num sábado à tarde para me mostrar onde, como e com quem viviam.

Para realizar fotos dentro das comunidades era mais difícil, pois meus colegas de trabalho diziam que não era recomendado, devido ao alto risco de furto. Consegui fazer alguns registros quando estava acompanhada dos diretores ou de algum funcionário das instituições. Porém, em um dos meus últimos dias na favela decidi fazer sozinha algumas imagens de lugares que eu considerava imprescindíveis para a reportagem. Arrisquei e não tive problemas. Com relação à segurança, em certa ocasião fui alertada por um guarda da ONG Médicos sem Fronteiras que eu estava sendo seguida por um grupo de homens e não deveria andar desacompanhada. Segundo ele, o fato de eu ser branca chamava muita atenção e uma vítima em potencial, contudo, nada de mais grave aconteceu.

A diferença do idioma normalmente não foi um empecilho para a realização das entrevistas. Em alguns casos, como durante as visitas aos moradores da favela de Mathare, precisei de um tradutor que falasse inglês, pois a maioria só sabia suaíli, uma das línguas oficiais do Quênia, o que exigiu certa flexibilidade. No caso das entrevistas realizadas em Kabiria, com refugiados do Congo, que falavam apenas francês e outros dialetos de origem tribal, um dos funcionários fez as traduções. Ao retornar ao Brasil, em meados setembro, realizei entrevistas com os voluntários Renatha Flores, Vitor Belota e Julia Nogara – houve pelo menos dois encontros presenciais com cada um e diversas conversas realizadas pela internet. Outras entrevistas, como no caso de Gabriella Aragão, que está morando atualmente na Grécia, e Tatiana Belluf, na Nova Zelândia, foram realizadas via e-mail. O mesmo ocorreu com o professor Silvio Correa, devido a sua disponibilidade.

Para a realização deste trabalho foram entrevistados não só os voluntários em questão, mas também os demais envolvidos nos respectivos projetos e especialistas em áreas como educação e saúde. Listo abaixo, em ordem cronológica, as fontes. Inclusas ou não nos textos, todas tiveram importância fundamental na construção da narrativa.

| Nome | Idade | Ocupação |
|-----------------------|--------------|--------------------------|
| Josephat Okama | 42 anos | Diretor de Ngotas Upendo |

| | | |
|-----------------------------|---------|---|
| Rose Muthoni | 14 anos | Aluna de Ngotas Upendo |
| Stephen Olumula | 17 anos | Ex-aluno de Ngotas Upendo |
| Celestine Barasa | 13 anos | Aluna de Ngotas Upendo |
| Roselyn Awuor | 14 anos | Aluna de Ngotas Upendo |
| Maureen Gituru | 26 anos | Coordenadora do projeto 50 Sorrisos no Quênia |
| Mary Kanjejo | 37 anos | Diretora da escola Mama África |
| Linus Onyango | 27 anos | Responsável pela Unesco Youth Forum Kenya |
| Marcelo Santos | 32 anos | Diplomata na Embaixada do Brasil no Quênia |
| Renata Róssi | 28 anos | Funcionária da Embaixada do Brasil no Quênia |
| Faith Mwachinga | 25 anos | Diretora de projetos na ACP |
| Jacob Kombozi | 40 anos | Funcionário da marca social Kabiria |
| Clementine Wilondja | 30 anos | Funcionária da marca social Kabiria |
| Florence Masoka | 27 anos | Funcionária da marca social Kabiria |
| Onorina Bakari | 28 anos | Funcionária da marca social Kabiria |
| Salongo Simbi | 50 anos | Funcionário da marca social Kabiria |
| Echa Majaliwa | 39 anos | Funcionária da marca social Kabiria |
| Zuena Dudi | 22 anos | Funcionária da marca social Kabiria; |
| Frederick Agoi | 26 anos | Professora da escola Ngotas Upendo |
| Dinah Ombui | 25 anos | Professora da escola Mama África |
| Christopher Ngumbalu | 34 anos | Diretor da escola Mumo |

| | | |
|-----------------------------|---------|--|
| Janet Mueni | 32 anos | Cozinheira da escola Mumo |
| Vickson Onyango | 37 anos | Professor da escola Mumo |
| Winnie Maweu | 27 anos | Professora da escola Mumo |
| Isabela Onondi | 45 anos | Diretora da ACP |
| Rose Kalewa | 50 anos | Beneficiária da ACP |
| Eric Matysia | 24 anos | Professor de Ngotas Upendo; |
| Asuko Joan | 22 anos | Professor de Ngotas Upendo |
| Phaustine Ayako | 23 anos | Professora de Ngotas Upendo |
| Fred Almoke | 30 anos | Diretor da escola Hanka |
| Evans Owino, 20 anos | | Professor da escola Hanka; |
| Kevin Agutu | 19 anos | Professor da escola Hanka; |
| Felipe Pimental | 22 anos | Voluntário na ACP e na Mama África |
| João Ricardo Cumarú | 22 anos | Voluntário na escola Mumo |
| Mariel Nakane | 21 anos | Voluntária na escola Hanka |
| Renatha Flores | 23 anos | Voluntária e fundadora da marca social Kabiria; |
| Julia Nogara | 27 anos | Voluntária e fundadora do projeto 50 Sorrisos |
| Vitor Belota | 25 anos | Voluntário em Ngotas Upendo e fundador do Litro de Luz Brasil; |
| Gabriella Aragão | 24 anos | Voluntária na escola Mumo |
| Sílvio Marcus Correa | 46 anos | Professor de História da África na UFSC |

5.3 REDAÇÃO

A decisão de que histórias seriam ou não incluídas no trabalho foi tomada depois da realização de todas as entrevistas. Inicialmente, a ideia era realizar uma grande reportagem impressa. Porém, ao longo da apuração percebi que, como muitas experiências acabavam se repetindo e reforçando acontecimentos e comportamentos muito frequentes na região, seria

mais interessante utilizar personagens que tiveram maior destaque com suas ações humanitárias. Através deles e das pessoas com quem conviveram seria possível abordar assuntos que envolvem milhares pessoas. Com a mudança, a sugestão do orientador Jorge Ijuim era de realizar cinco perfis, com cerca de pelo menos cinco mil caracteres cada.

Ao longo da produção, percebi que três histórias se destacavam das demais, com o diferencial de que, além do trabalho voluntário realizado em Nairóbi, todos os projetos tiveram continuidade no Brasil. Eles também possuíam uma ligação forte entre si e abordavam áreas diversificadas. Para que houvesse um tratamento igual entre os entrevistados, decidi, com aprovação do professor Ijuim, fazer três perfis, com uma média de 12 mil caracteres cada, incluindo ainda uma abertura de contextualização completa, de aproximadamente 9 mil caracteres – com o relato de fontes, questões históricas, políticas e econômicas. Por fim, foi acrescentada uma breve apresentação da revista ao lado do índice, assinada por mim, com cerca de 2 mil caracteres.

Considerando a dificuldade de se encontrar traduções do suaíli, língua oficial do Quênia, para o português, elaborei um pequeno glossário ao final da revista com algumas palavras e expressões básicas do idioma, como curiosidade.

5.4 DIAGRAMAÇÃO/EDIÇÃO

Para uma leitura mais agradável dos textos, foi escolhido diagramar o material em formato de revista. Para isso, contei com o auxílio da designer Elisa Vitória, que ficou encarregada da parte gráfica, de acordo com as minhas referências e recomendações. Desde o início, a proposta era desenvolver uma edição especial temática, com cores, imagens e ilustração diretamente relacionadas ao Quênia, remetendo principalmente a elementos da bandeira do país. Como eu tinha acesso a muitas fotografias, tanto as de minha autoria, como do arquivo pessoal das fontes e de um fotógrafo profissional (que foi voluntário da ONG 50 Sorrisos em 2013), quis dar destaque às imagens em todas as reportagens.

Na capa, o desenhista Tiago Kawata elaborou uma ilustração, em cima de uma das fotos que fiz durante a minha viagem a Nairóbi, na escola Mumo. A ideia era reunir diversos elementos relacionados à região, sob o olhar de uma criança. O quadro negro simboliza a questão educacional, que serve de base para as reportagens, já a máquina de costura e a garrafa plástica fazem referência aos outros dois perfis. Para compor a ilustração, optamos por elementos culturais e naturais que simbolizam o Quênia. A edição dos títulos e olhos foi feita após a definição do projeto gráfico. Depois da finalização do projeto gráfico, todos os textos foram submetidos a mais uma revisão.

6 ORÇAMENTO

| Categoria | Descrição | Valor | Data |
|------------------|---|--|-------------------------|
| Deslocamento | Passagem aérea de Florianópolis a São Paulo (ida e volta) | Retirada através do programa de milhagem | 28/07/2014 e 10/09/2014 |
| | Passagem aérea de São Paulo a Nairóbi (ida e volta) | R\$ 3.500 | 29/07/2014 e 10/09/2014 |
| | Deslocamento em Nairóbi (Ônibus e Matatu) | R\$ 100 | 30/07/2014 a 08/09/2014 |
| | Deslocamento do aeroporto até a moradia estudantil (Táxi) | R\$ 75 | 30/07/2014 e 09/09/2014 |
| | Deslocamento até Kabiria (Táxi) | R\$ 25 | 26/08/2014 |
| Hospedagem | Hospedagem em Nairóbi (moradia estudantil com internet e duas refeições) | R\$ 600 | 30/07/2014 a 9/09/2014 |
| Alimentação | Total gasto em alimentação | R\$ 500 | 21/01/2014 a 22/02/2014 |
| Comunicação | Cartão de telefone | R\$ 75 | 30/07/2014 a 08/09/2014 |
| Saúde | Seguro saúde | R\$ 450 | 30/07/2014 a 08/09/2014 |
| Design | Diagramação da revista | R\$ 450 | 20/10/2014 a 10/12/2014 |
| | Ilustração da capa | R\$ 150 | 10/11/2014 a 18/11/2014 |
| Total | | R\$ 5.925 | |

Sendo assim, o valor total investido neste Trabalho de Conclusão de Curso foi de R\$ 5.525 e foi custeado pela própria estudante.

7 DESAFIOS E APRENDIZADOS

Como já mencionado, desde o início eu estava ciente das dificuldades que a viagem poderia apresentar. Por outro lado, foram justamente os desafios que me fizeram batalhar por essa experiência. Foi um aprendizado completo, através do qual pude colocar em prática teorias e técnicas aprendidas ao longo da graduação, muitas vezes pouco exercitadas, e me preparar para o mercado de trabalho. Mais do que isso, estive em contato direto com uma região cercada por mitos, podendo mudar conceitos e criando minhas próprias percepções acerca de questões relacionadas à extrema pobreza com um olhar mais crítico e consciente.

Tive que sair da minha zona de conforto para me dedicar inteiramente às histórias, mergulhando em outras realidades, precisando me comunicar em outra língua e vivenciando o jornalismo para além das apurações feitas exclusivamente através de telefone e internet.

Tudo num período de tempo limitado. Se eu fosse realizar uma viagem como essa hoje, começaria diferente, e acredito que isso é uma constatação positiva para a minha formação acadêmica. Percebi que uma apuração num lugar desconhecido requer um planejamento ainda maior. É preciso levar em conta o período de adaptação e as limitações que o próprio local impõe, como o “toque de recolher”.

Consegui ir além das expectativas e fui muito bem recebida pelos quenianos. A cada lugar que eu visitava, ficava sabendo da participação de brasileiros e, no fim, acabei conhecendo mais projetos do que havia planejado. Acabei fazendo muitas entrevistas, algumas em conversas informais, mas acreditava que tudo contribuiria de forma positiva para o produto final. Como eu não sabia quando teria a chance de entrar em contato com aquelas pessoas novamente, preferia falar com o maior número possível para me sentir mais segura sobre determinados assuntos, o que, neste caso, valeu à pena, mas não repetiria. Como lição profissional, acredito que é mais importante determinar metas precisas para evitar trabalho extra e buscar também certo distanciamento emocional.

De qualquer modo, foi muito interessante conhecer uma nova cidade com uma visão “jornalística”, visitando lugares que eu não conheceria apenas fazendo turismo. O maior desafio acabou sendo selecionar as fontes e escrever os textos quando voltei. No início eu sentia muita dificuldade para visualizar o produto final, devido ao excesso de material apurado. Contei nesse momento com a ajuda do meu orientador, que me fez recomendações para a reorganização dos dados coletados, que foram divididos por assuntos.

Acredito que com este trabalho pude ir além do que tem sido feito nas redações, cada vez com menos recursos, e que divulgam em grande parte apenas indicadores, sem fazer análises críticas. É fundamental, para mim, buscar formas de praticar um jornalismo engajado, com uma proposta social, que explique as transformações que acontecem na sociedade, sem se perder no senso comum e cumprindo a função básica de informar.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONFANTE, Paula; BUSTAMANTE, Nathalia. **Jornalismo internacional e história: uma análise de discursos sobre a África na mídia brasileira**. 15 p. Tese (graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2013.

CRIADO, Alex. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande reportagem**. 144 p. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

EZEH, Alex; FOTSO, Jean; HOLDING, Penny; KAHURANI, Elizabeth; KIMANI, Elisabeth; MADISE, Nyovani; ZULU, Eliya. **Food Security and Nutritional Outcomes among Urban Poor Orphans in Nairobi, Kenya**. The New York Academy Medicine, Nova Iorque, 2010.

FUSE, Igor (Org.). **A arte da reportagem: volume I**. São Paulo: Scritta, 1996.

Kenya Country Report for the 2014 Ministerial Conference On Youth Employment. **How to Improve, trough skills development and job creation, acess of Africa's youth to the world of work**. Abidjan, Côte d'Ivoire, 21-23 July, 2014. Disponível em <http://www.adeanet.org/min_conf_youth_skills_employment/sites/default/files/u24/Kenya%20Country%20Report_0.pdf>

KOTCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de pesquisa e entrevista jornalística**. São Paulo: Editora Record, 2001.

UN Programme for Development Programme (UNDP). **Discussion paper: Kenya's youth employment challenge**. Janeiro de 2013. Disponível em <http://www.undp.org/content/dam/undp/library/Poverty%20Reduction/Inclusive%20development/Kenya_YEC_web%28jan13%29.pdf>

United Nations Joint Human Rights Office (UNJHRO). **Progress and obstacles in the fight against impunity for sexual violence in the democratic republic of the congo**. Abril de 2014. Disponível em <http://www.ohchr.org/Documents/Countries/ZR/UNJHROApril2014_en.doc#sthash.hphiWiFG.dpuf>

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

9 SITES CONSULTADOS

Children's Rights & Emergency Relief Organization (Unicef) Kenya. Disponível em <http://www.unicef.org/infobycountry/kenya_statistics.html>

The official United Nations site for the Millennium Development Goals Indicators. Disponível em <<http://mdgs.un.org/unsd/mdg/>>

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco). Disponível em <<http://www.unesco.org/new/en/unesco/worldwide/unesco-regions/africa/kenya/>>

United Nations Organization Stabilization Mission in the DR Congo (MONUSCO). Disponível em <<http://www.monusco.unmissions.org/>>